

Área Temática 3:

Aquisição da Linguagem

Aquisição de estruturas de telicidade

Autores: Pamela Cristine de Oliveira ¹

Instituição: ¹ UFPR - Universidade Federal do Paraná

Resumo: A proposta da pesquisa é analisar dados de aquisição de linguagem, tanto de produção espontânea quanto de aceitabilidade (CRAIN; THORTON, 1998) de eventos que envolvam complementos preposicionados de rota, fonte, alvo e lugar e suas respectivas extrações de PP (BOSCOVIC, 2012). Seguindo os pressupostos teóricos da sintaxe de primeira fase (ou nanossintaxe), desenvolvidos pelos linguistas do grupo de Tromsø, prevê-se um sistema combinatório mínimo de traços - inato, universal e flexível - que codifica representações sintático-semânticas. O sistema combinatório verbal tem três núcleos estruturados: *InitP*, *ProcP* e *ResP*, que combinam, na sintaxe, informações temáticas e aspectuais. Mais especificamente com relação à telicidade, Ramchand afirma que “Não há projeção no Sistema que codifique o traço [+télico]. Ao contrário, a telicidade emerge de um número de fatores diferentes interagindo. [...] A existência de *ResP* pode fazer surgir a telicidade” (2008, p. 109, tradução nossa). Na investigação dos diferentes tipos de telicidade que emergem da estrutura, verificamos em Pantcheva (2009) três tipos diferentes de Path: *Goal*, *Source* e *Route*. Relacionando tais tipos de estruturas aos primitivos semânticos PATH e PLACE estabeleceremos traços semânticos que restringem ou licenciam a telicidade abaixo do *InitP* a partir da análise de estruturas precoces em crianças entre 3 e 5 anos. Verificando, assim, restrições sintáticas de natureza semântica. Como, por exemplo, nos dados dos testes de aceitabilidade, onde verificamos que as crianças aceitam a alternância “A panela cozinhou” mas não aceitam “A sala correu”.

Palavras-chave: aquisição, semântica, telicidade, estrutura argumental

A relação entre o uso de marcadores discursivos e a proficiência na aquisição do francês como língua estrangeira

Autores: Mateus Dias Santana ¹, Maria de Fátima de Almeida Baia ², Luciane de Paula ¹

Instituição: ¹ UNESP - Universidade Estadual Paulista - Campus Assis, ² UESB - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Resumo: Neste trabalho, apresentamos uma proposta de estudo de iniciação científica que está no seu início. Nele, investigamos os aspectos prosódicos (NESPOR & VOGEL, 1986) e discursivo-pragmáticos (ROULET, 1985) dos marcadores discursivos (MDs), no intuito de verificar se há uma relação entre o seu uso e nível de proficiência daqueles que adquirem a língua francesa como língua estrangeira. Nossa pesquisa baseia-se no paradigma dos Sistemas Adaptativos Complexos (LARSEN-FREEMAN & CAMERON, 2008), segundo o qual não só diferentes níveis linguísticos trabalham em cooperação como também há uma estreita relação entre o que é desenvolvido no nível linguístico com aspectos externos. Como esse paradigma anula a dicotomia competência versus desempenho (BAIA, 2013), é possível transitarmos entre questões de estrutura linguística e fatores que, segundo outras perspectivas (CHOMSKY, 1981), são extralinguísticos. Segundo Marcushi (1989), os MDs, em geral, atuam de maneira semelhante como marcadores de valor coesivo (iniciais e mediais) no português. Estudos sobre MDs no francês (FRANÇA, 2007) apontam que o discurso do professor fornece dicas aos interlocutores de passagens de turno. Em um estudo de aquisição de língua estrangeira, Pimental & Silva (2013) observam, analisando dados de estudantes adquirindo o português como língua estrangeira, que ensinar os MDs oferece benefícios de domínio e uso adequado dos mecanismos do discurso. Por fim, outro estudo sobre os marcadores discursivos na aquisição do espanhol mostra que conhecer os MDs da língua auxilia no aprimoramento do nível de proficiência em língua estrangeira. Neste estudo, acompanharemos estudantes brasileiros de língua francesa do nível básico ao avançado com o objetivo de investigar se há uma correlação entre o nível de proficiência e uso desses marcadores na língua estrangeira. Para isso, levantaremos critérios de proficiência em relação aos aspectos prosódicos, tais como acento de palavra/frasal e processo de liaison; para compararmos com o uso discursivo correto dos MDs.

Palavras-chave: marcadores discursivos, prosódia, discurso

As leituras do singular nu em português brasileiro infantil

Autores: Raíssa Santana¹, Elaine Grolla¹

Instituição: ¹ FFLCH/USP - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP

Resumo: Este trabalho apresenta resultados de um estudo experimental que objetiva investigar ocorrências de produção e interpretação do singular nu na representação de singularidades e pluralidades na aquisição de Português Brasileiro (Dobrovie-Sorin e Pires de Oliveira, 2008). O experimento consiste de uma tarefa de produção eliciada e de uma tarefa de escolha de figuras, realizadas com 40 adultos falantes nativos de PB e 28 crianças (G1: 3;0-3;6 e G2: 4;6-5;0 anos) adquirindo a língua. Em ambas as tarefas, são apresentadas aos sujeitos gravuras compostas de uma entidade ou de um conjunto de entidades que estimulam a produção e a interpretação do nominal nestes contextos. Os resultados dos adultos na tarefa de produção indicam que para descrever figuras com uma entidade o percentual de produção de nomes nus singulares é significativo (29,25%) bem como os resultados dos dois grupos de crianças (G1: 67,61%; G2: 80%). Com respeito à produção diante de figuras com conjuntos de entidades, o nominal foi produzido em apenas 2,25% das ocorrências para os adultos, com percentual de produção de 54,76% para G1 e 57,14% para G2. Os resultados de compreensão sugerem que em 79,75% das vezes em que foi requerido que os adultos apontassem para gravuras que correspondentes a um comando com o singular nu, os sujeitos escolheram tanto a figura que apresenta uma entidade como a que apresenta o conjunto de entidades. As crianças do G1 o fizeram em 48,09% das vezes e as do G2 em 60%. Os resultados dos adultos indicam que falantes nativos de Português Brasileiro produzem o singular nu para representar singularidades e pluralidades. Também observamos que no tocante à sua interpretação, os resultados confirmam essa análise. Observamos nos dois grupos de crianças um percentual de produção mais expressivo que o dos adultos. Observa-se o contrário para os dados de interpretação.

Palavras-chave: compreensão, pluralidades, produção, singularidades, singular nu

A variabilidade das rotinas articulatórias no desenvolvimento fonológico do PB

Autores: Paloma Maraísa Oliveira Carmo¹, Maria de Fatima de Almeida Baia¹

Instituição: ¹ UESB - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Resumo: O objetivo deste trabalho é analisar as rotinas articulatórias, em específico, os templates, isto é, padrões sistemáticos de combinação segmental e/ou prosódica, no desenvolvimento fonológico do português brasileiro (PB) falado na cidade baiana de Vitória da Conquista. O quadro teórico seguido é o da Teoria dos Sistemas Adaptativos Complexos (THELEN; SMITH, 1994) e da Fonologia de Uso com o Modelo dos Exemplares (CRISTÓFARO-SILVA, 2002; BYBEE, 2010), segundo as quais o desenvolvimento da linguagem é entendido como um processo de evolução, no qual as representações não são estáticas e podem ser graduais. A perspectiva da Complexidade enfatiza que variabilidade, flexibilidade e assincronia tendem a ocorrer no processo de desenvolvimento. Baia (2013), ao analisar dados longitudinais de três crianças adquirindo a variedade do PB da cidade de São Paulo, apresenta evidências de manifestação de templates com predomínio de informação prosódica, isto é, tamanho de palavra e posição de acento. Neste estudo, para investigação das rotinas articulatórias iniciais no desenvolvimento de uma variedade baiana, foram analisados dados longitudinais de uma criança do sexo feminino (L.), com desenvolvimento típico, totalizando 12 sessões mensais do primeiro ao segundo ano de vida. Das 12 sessões, L. fez uso de template preferencial apenas em aos 1;5 (CV) e 1;6 (CV.CV). Nas demais sessões foram encontrados indícios de substituições e uso de acordo com a forma alvo favorecendo um determinado segmento em diferentes estruturas prosódicas (1;2 [t]/ 1;7 [p]). Além disso, na sessão 1;10, L. fez uso frequente de palavras da forma alvo com [p], como em pé, peixe, pintinho, pau, pode, pilha. A variabilidade das rotinas articulatórias usadas por L. indica que uma proposta que tenha como intuito explicar as rotinas iniciais precisa incorporar a relação entre a estrutura fonotática e o léxico no desenvolvimento linguístico; proposta que, nesta pesquisa, baseia-se no Modelo dos Exemplares.

Palavras-chave: sistemas adaptativos complexos, templates, exemplares

Criações lexicais (@c) ou exemplares em competição? O papel do tipo de input

Autores: Gláucia Daniele do Prado Ferreira ¹, Maria de Fátima de Almeida Baia ¹, Paloma Maraísa Oliveira Carmo ¹, Gláucia Ribeiro Moreira ¹

Instituição: ¹ UESB - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Resumo: Neste trabalho, analisamos o léxico inicial no desenvolvimento do português brasileiro (PB) e sua relação com o sistema fonológico emergente. Discutimos o termo “criação lexical” proposto por MacWhinney (1991, 2000) para o formato de transcrição CHAT, abordado no trabalho de Secco (1994) e Baia (2010). Analisamos dados de dois estudos de caso: a) M. uma criança do sexo masculino (M.) adquirindo o PB, de 10 meses a 2 anos; b) L. uma criança do sexo feminino de 12 meses a 1 ano. Após análise dos dados das crianças, observamos que o que Secco (1994) e Baia (2010) consideram criações lexicais pode ser explicado como manifestação de alguma rotina fonológica, i.e. template, e/ou processo fonológico isolado. Dessa maneira, questionamos o termo “criação lexical”, a categorização @c, para produções iniciais no formato Chat de transcrição (MacWhinney, 2000). Mostramos a relação entre o que é categorizado como @c e as rotinas articulatórias, os templates ao observarmos casos de adaptações, que seriam categorizadas como “criações lexicais”, e foram predominantes nos dados de M. até 1;4 e de L. até 1;7. Tais produções seguiram o padrão fônico do template operante em mais de 50% dos casos. Para os dados que não podem ser explicados por restrições de templates, apresentamos uma proposta alternativa, na qual esse fenômeno seria resultado de uma instabilidade fônica persistente e sobreposição de diferentes representações de exemplares em competição, os quais desencadeariam a produção variável típica do desenvolvimento fonológico. Todavia, na análise dos dados do input, isto é, do child-directed speech, de L. notamos uso do que seria considerado criação lexical por parte do adulto, como ‘pitu’ para ‘galinha’, o que não poderia ser explicado como oriundo de um template manifestado ou de exemplar em competição. Nesse caso, trata-se de uma criação consciente, por parte do adulto, na interação com a criança.

Palavras-chave: criação lexical, chat, exemplares

Ditongo [ej]: variação na escrita inicial

Autores: Izabella Domingues Machado ¹

Instituição: ¹ UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo: Orientadoras - Profa. Danielle Kely Gomes e Profa. Eliete Figueira Batista da Silveira. A pesquisa focaliza o ditongo na escrita de crianças do Ensino Fundamental. Objetiva-se analisar i) a redução do ditongo ; ii) se os “erros” na grafia do ditongo estão relacionados à consciência fonológica; iii) os fatores condicionantes da manutenção/redução de ditongos na escrita inicial, e iv) a interferência da fala na representação do ditongo. A pesquisa se baseia nos princípios norteadores da Aquisição da Linguagem, nos pressupostos da Teoria da Variação e Mudança, bem como nos estudos da Fonologia Autossegmental. Para isso, coletaram-se 334 dados em 669 redações do 1º. ao 6º ano, produzidas por meninos e meninas de escola pública municipal do Rio de Janeiro, sendo 318 dados de realização do ditongo, contra 16 dados de monotongação. Parte-se das hipóteses de que i) a grafia do ditongo apresenta dificuldade aos aprendizes, tendo em vista as possibilidades de representação e a interveniência da oralidade; ii) os ditongos fonológicos tendem a ser mantidos mais do que os fonéticos; e iii) as “falhas” na representação do ditongo diminuem com os anos de escolaridade, visto que aquisição da escrita é parte do processo de aquisição da linguagem. A pesquisa, ainda em fase inicial, encontrou os seguintes resultados i) há maior frequência de ditongação; ii) ao avançar dos anos de escolaridade, a criança tende a estabilizar a realização do ditongo; iii) a monotongação pode se concretizar diante de consoantes simples (/t/ e /g/) e complexas (/ʃ/ e /ʒ/); iv) preferencialmente no contexto medial do vocábulo, e v) a criança se utiliza de seu conhecimento fonológico para representar o ditongo.

Palavras-chave: variação, aquisição, escrita inicial

Estudo piloto sobre templates no desenvolvimento fonológico típico e atípico do PB

Autores: Gláucia Ribeiro Moreira ¹, Maria de Fátima de Almeida Baia ¹, Marian Oliveira ¹

Instituição: ¹ UESB - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Resumo: Neste estudo piloto, investigamos a emergência de templates, isto é, padrões fônicos sistemáticos, analisando dados de duas crianças, uma com desenvolvimento típico (D.) e outra com síndrome de Down (G.), adquirindo a variedade baiana do português brasileiro (PB) de Vitória da Conquista. São poucos os estudos sobre templates no desenvolvimento fonológico típico, e raros os estudos sobre o

desenvolvimento fonológico atípico. Por exemplo, os estudos sobre templates na aquisição do PB contemplam a comunidade paulistana (BAIA, 2013) e mineira (OLIVEIRA-GUIMÃRES, 2013); e o único estudo sobre desenvolvimento fonológico atípico contempla bebês que apresentam atraso fonológico (VIHMAN et al., 2008). Embora de início não se soubesse se a criança com desenvolvimento atípico faria uso de templates, um descompasso era esperado na comparação, pois no nível do desenvolvimento articulatorio, atrasos são reportados na fala de sujeitos com síndrome de Down. Segundo Oliveira (2011, p. 278), eles apresentam especificidades anatômicas tais como hipotonia muscular, o que faz com que haja um desequilíbrio de força nos músculos da boca e face, que acarreta em padrão articulatorio diferenciado. Para análise, foram utilizados dados longitudinais: a) fala típica - D. - 12 sessões de intervalo mensal de 1;5 - 2;5; b) fala atípica - G. - 10 sessões de intervalo de dois meses de 1;3 - 2;7. Após análise dos dados, foi observada emergência de templates na fala das duas crianças, no entanto, notou-se que as rotinas de D. apresentaram mais variabilidade do que as de G. ao longo das sessões: a) D. - V.'CV > CV > V.'CV > (C)V.'CV > V.'CV.CV; b) G. - CV > V > CV. Além do tipo de estrutura prosódica, as duas crianças diferiram no que se refere ao segmento explorado nas rotinas, por exemplo, D. explorou desde segmentos bilabiais até velares enquanto que G. explorou segmentos bilabiais nasais e orais.

Palavras-chave: templates, Síndrome de Down, desenvolvimento fonológico

Interpretação de orações relativas com estrutura absoluta: análise de dados do Português Brasileiro Infantil

Autores: Iolanda Dias Góes ¹

Instituição: ¹ USP - Universidade de São Paulo

Resumo: Este trabalho analisa a interpretação de orações relativas no Português Brasileiro Infantil, estabelecendo como recorte a relativa com estrutura absoluta, na qual o argumento tema, elemento relativizado, ocupa posição pré-verbal, concordando com o verbo em número e pessoa (Negrão; Viotti, 2010). Na sentença (1), por exemplo, peixe é tema, sofrendo a ação de “comer”: (1) O menino viu o peixe [que comeu ti] Em Português Brasileiro, essa estrutura é produzida por crianças para esquiva da relativa de objeto (Grolla; Augusto, 2016), uma vez que evita a complexidade causada pela presença de um sujeito interveniente (Friedmann, Belletti, Rizzi, 2009). Para verificar as interpretações que as crianças atribuem a essas relativas, foram testadas 11 crianças com idade entre 5 e 6 anos. No experimento, apresentaram-se histórias com personagens semelhantes (peixe amarelo e peixe azul), sendo o primeiro agente (comeu uma planta), e o segundo, tema de uma ação (foi comido por um gato). As crianças julgaram sentenças sobre essas histórias como verdadeiras ou falsas. Testaram-se três condições: objeto (o peixe que o gato comeu), passiva (o peixe que foi comido pelo gato) e ambígua (o peixe que comeu). Nesta, o julgamento falso implica a interpretação de que “peixe” é agente, enquanto o verdadeiro implica a interpretação de “peixe” como tema, e da estrutura, como absoluta. Os dados apontam que, em um total de 66 julgamentos, as crianças interpretaram 15 relativas ambíguas como absolutas (22,7%) e rejeitaram essa interpretação em 7 sentenças (10,6%). Observa-se que embora a absoluta seja uma alternativa a relativas complexas, sua interpretação foi mais rejeitada em relação à relativa de objeto (30,3%) e à passiva (28,8%). Essa rejeição pode estar relacionada ao estranhamento causado pelo uso da estrutura com verbos mais agentivos, como “comer”, enquanto outros, como “empurrar” e “molhar”, parecem propiciar mais a aceitação da absoluta nesse contexto.

Palavras-chave: relativização, estrutura absoluta, português brasileiro infantil

O alçamento das vogais médias e a superação dos problemas de escrita por alunos das séries iniciais do ensino fundamental

Autores: Fernando Antônio Pereira Lemos ¹

Instituição: ¹ CEFET-MG - Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Resumo: O alçamento vocálico se caracteriza pela elevação do traço de altura das vogais médias-altas [e] e [o] que se realizam como vogais altas [i] e [u], respectivamente. M[i]nino e t[u]mate são exemplos de ocorrências na sílaba pretônica; na sílaba postônica medial, cér[i]bro e fós[u]ro; na sílaba postônica final, post[ɪ] e menin[u]. Para Bisol (1981), o alçamento na sílaba pretônica é um fenômeno variável motivado pela ocorrência de harmonização vocálica, que ocorre quando há a presença de uma vogal alta contígua à sílaba tônica, como em m[e]n[i]no~m[i]n[i]no. Viegas (1987) concluiu que há o favorecimento das consoantes adjacentes e que itens lexicais menos prestigiados tendem a alçar mais do que itens mais prestigiados socialmente. Seria o caso de P[e]ru (país), mais prestigiado e p[i]ru (ave). Para Cristóvão Silva

(1999) o alçamento das vogais médias-altas na sílaba postônica medial ocorre em estilo informal de fala. Segundo Câmara Jr. (1979), a pronúncia normal no português brasileiro na sílaba postônica final é a de vogais alçadas, como em post[ɪ] e menin[ʊ]. Objetivamos entender como 64 alunos das quatro séries do ensino fundamental de escolas pública e particular do município de Divinópolis - MG superariam o seu dilema ortográfico com relação ao alçamento das vogais médias. O modelo teórico-metodológico adotado foi o da Sociolinguística. Foram utilizados testes de produção de texto, palavras-cruzadas e de identificação de erros de escrita. Os dados obtidos foram lançados no programa Varbrul para análise estatística.

Palavras-chave: escrita, oralidade, variação

O papel da interdisciplinaridade para o entendimento do processo de aquisição da linguagem escrita

Autores: Danielle Dutenhfner de Aquino², Nelci Vieira de Lima¹

Instituição: ¹ UNICSUL - Universidade Cruzeiro do Sul, ² UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo

Resumo: Indubitavelmente, sabe-se hoje, que os problemas de aprendizagem acontecem por se tratar de um processo complexo e multifacetado, fruto da interação neuro-biológica-genética do indivíduo com o ambiente. Por esse motivo, inúmeros são os fatores que influenciam no processo de alfabetização, tais como: disfunções neurológicas, desvantagens socioeconômicas e culturais, oportunidades educacionais inadequadas, inadequação metodológica e fatores de ordem emocional-afetiva. Assim, uma teoria de alfabetização coerente deve levar em conta a interdisciplinaridade entre as áreas do conhecimento. Nesse estudo, refletimos a respeito da necessidade de integrar áreas de conhecimentos, como a Educação, a Psicopedagogia, a Fonoaudiologia, a Psicolinguística e a Linguística, em busca da melhor forma de estimular habilidades fundamentais para o bom desempenho em leitura e escrita, como: conhecimento do alfabeto, nomeação automática rápida e habilidades de consciência fonológica. Assim, visamos a responder o seguinte questionamento: Em que medida a interdisciplinaridade colabora para o entendimento do processo de aquisição da linguagem escrita? Tomamos como corpus analítico o Programa de Resposta à Intervenção, dentro da área fonoaudiológica, destinado a trabalhar a leitura e a escrita em âmbito escolar, por meio de atividades significativas de linguagem, a fim de entender a sua construção interdisciplinar, uma vez que se embasa teoricamente em conceitos não só da Fonoaudiologia, mas também da Psicopedagogia, da Psicolinguística e até mesmo da Linguística. Tal programa propõe atividades que estimulam as habilidades fundamentais do aluno, baseando-se no monitoramento de progresso: avaliação – intervenção – avaliação, e leva em conta as suas reais necessidades. O arcabouço teórico que nos fundamenta está em: FLETCHER & VAUGHN (2009); ANDRADE, ANDRADE & CAPELLINI (2014); DEHAENE (2012); FERREIRO & TEBEROSKY (1999); SCLiar-CABRAL (1991; 2003) e SOARES (2015). Em conclusões preliminares, afirmamos que um olhar multidisciplinar, por parte dos profissionais envolvidos com o processo de aquisição da língua escrita é fator fundamental para o seu sucesso.

Palavras-chave: interdisciplinaridade, aprendizagem, escrita

Qual língua é ativada (L1, L2 ou L3) na produção de logatomas com contexto de epêntese?

Autores: Fábio Silva Lacerda Bastos¹, Maria de Fatima de Almeida Baia¹

Instituição: ¹ UESB - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Resumo: Neste estudo, que segue o paradigma Sistemas Adaptativos Complexos (LARSEN-FREEMAN E CAMERON 2008, DE BOT 2008), apresentamos nossa proposta de investigação inicial a respeito de qual língua seria ativada na tarefa de produções de logatomas por sujeitos armênios falantes de armênio (L1), russo (L2) e português brasileiro (L3). Buscamos investigar como multilingües acessam de três a mais línguas com diferentes alfabetos - alfabeto armênio, alfabeto cirílico (russo) e alfabeto latino – tendo como base o modelo multirepresentacional dos exemplares (CRISTÓFARO-SILVA, 2002; BYBEE, 2010), segundo o qual as representações não são estáticas e podem ser graduais. O foco do nosso experimento estará no contexto da epêntese, pois cada língua exibe uma vogal diferenciada em contexto fonotático que favorece o processo: [ə] no armênio (VAUX, 1998), [o] no russo (HAMILTON, 1980) e [i] no português brasileiro (CANTONI, 2015). Com base em estudos fonológicos de cada língua e com auxílio do mecanismo da plataforma Wugg (<http://crr.ugent.be/programs-data/wuggy>), que será adaptada por não apresentar algoritmo para geração de pseudo-palavras em nenhuma das três línguas analisadas neste estudo, levantaremos uma lista de logatomas com contexto de epêntese. De acordo com a metodologia utilizada por outros estudos com logatomas (FINN & HUDSON, 2008; DZIUBALSKA-KOLACZYK & ZIENLINSKA, 2010), conduziremos uma tarefa de leitura em três diferentes alfabetos usados pelos informantes, apresentando, dessa maneira, a mesma sequência de palavras em três

momentos. Como se tratam de três alfabetos que apresentam mais transparência do que opacidade na tarefa da leitura, e seguindo os resultados do estudo de Jamal & Monga (2010) sobre a produção de logatomas por falantes de hindi (alfabeto devanagari) e inglês (alfabeto latino), no qual foi observada mais presença da estrutura prosódica e segmental do hindi na leitura de logatomas; nossa hipótese é a de que prevalecerá a vogal epentética da L1 independente do alfabeto utilizado.

Palavras-chave: logatomas, epêntese, armênio, russo, português brasileiro

Relações entre gramática e memória de trabalho no processamento da correferência anafórica

Autores: Jullyane Glaicy da Gosta Ferreira¹, Angela Maria de Araújo¹, José Ferrari Neto¹
Instituição: ¹ UFPB - Universidade Federal da Paraíba

Resumo: O processamento das relações correferenciais tem recebido bastante atenção nos últimos anos. De fato, um grande número de trabalhos tem investigado questões concernentes ao modo como os falantes processam as diversas formas correferenciais, em especial as retomadas anafóricas. Em português brasileiro, podem ser citados os estudos de Ferrari-Neto e Marinho (2015), Grolla (2010, 2012). Esses estudos têm fornecido dados importantes sobre o processamento correferencial, ainda que não tenham se voltado especificamente para a investigação das relação entre conhecimento linguístico, definido na forma de uma gramática internalizada, e os sistemas que lhe dão suporte, dentre os quais, a memória de trabalho. O presente trabalho visa justamente endereçar essa relação. Por meio de um experimento, buscou-se verificar em que medida as capacidades de retenção e recuperação de informações na memória de trabalho afetam o processamento de dois tipos distintos de retomadas, a saber, o pronome pessoal ele/ela e os logóforos ele mesmo/ela mesma, para isso controlando-se o número de sentenças intervenientes entre o referente e a retomada. O experimento valeu-se de estímulos sonoros a serem ouvidos. Testaram-se sujeitos de 3, 4 e 5 anos, em processo de aquisição normal do português brasileiro. Os resultados apontaram uma correlação positiva entre número de sentenças e tempo de processamento, sugerindo assim que a memória de trabalho afeta o processamento. Também se verificou uma diferença entre as duas formas de retomada estudadas, uma vez que os pronomes foram reconhecidos mais lentamente que os logóforos, o que é condizente com teorias da aquisição dos princípios de ligação. Os resultados do experimento ainda estão sendo analisados, de modo a poder prover maiores evidências acerca da capacidade da memória de trabalho e sua relação com o processamento linguístico.

Palavras-chave: memória de trabalho, correferenciamento, gramática

Varição do ditongo [ej]: dados da escrita do ensino fundamental

Autores: Késia dos Santos Silva Avinte¹
Instituição: ¹ UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo: Orientadoras - Profa. Dra. Danielle Kely Gomes e Profa. Dra. Eliete Figueira Batista da Silveira A pesquisa focaliza o ditongo na escrita de crianças do Ensino Fundamental, contexto que pode apresentar dificuldade de ortografia nas séries iniciais. Objetiva-se analisar i) as ocorrências de supergeneralização de (deis, feichar), assim como as de outras representações de (maior por meio; resusitação por ressurreição); ii) se os “erros” na grafia do ditongo estão relacionados à consciência fonológica; iii) os fatores condicionantes do fenômeno de supergeneralização, e iv) a interferência da fala na escrita inicial. A pesquisa se baseia nos princípios norteadores da Aquisição da Linguagem, nos pressupostos da Teoria da Variação e Mudança, bem como nos estudos da Fonologia Autossegmental. Para isso, coletaram-se 351 dados em 669 redações do 1º. ao 6º ano, produzidas por meninos e meninas de escola pública municipal do Rio de Janeiro, sendo 8 dados de supergeneralização e 9 dados de outras representações. Parte-se das hipóteses de que i) a grafia do ditongo apresenta dificuldade aos aprendizes, tendo em vista as possibilidades de representação, a interveniência da oralidade e o apoio do aprendiz em seu conhecimento fonológico; ii) as “falhas” na representação do ditongo diminuem com os anos de escolaridade, visto que aquisição da escrita é parte do processo de aquisição da linguagem. A pesquisa, ainda em fase inicial, encontrou os seguintes resultados i) os dados de supergeneralização ocorrem diante de [j] e [ʒ]; iii) o baixo número de ocorrência destes fenômenos se credita à falta de equilíbrio entre as amostras, cuja constituição ainda está em fase inicial e, apesar disso, iv) pode-se postular que a criança se utiliza de seu conhecimento fonológico para representar o ditongo.

Palavras-chave: variação, supergeneralização, escrita inicial

Varição e aquisição – análise preliminar do processo de hipossegmentação na escrita infantil

Autores: Alex Jefferson Medeiros Fernandes da Silva ¹

Instituição: ¹ UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo: A pesquisa focaliza o emprego não convencional de fronteira gráfica, através de hipossegmentação (junção de vocábulos) na escrita infantil. O trabalho analisa a produtividade do processo na escrita de alunos do primeiro segmento do Ensino Fundamental (1º ao 6º ano) de escola municipal do Rio de Janeiro. Analisam-se, nesta abordagem, 614 textos, nos quais foram encontrados 31 ocorrências. Controlam-se na coleta dos dados a relação entre níveis escolares (séries) e ocorrência/frequência de hipossegmentação, a relação entre número de sílabas do vocábulo e o fenômeno, os tipos de combinação - palavra gramatical e palavra lexical -, e tomam-se por hipóteses que motivações de ordem morfosintática e prosódica, associadas ao grau de aquisição das convenções ortográficas, atuam na realização do fenômeno, bem como a tendência de os casos de hipossegmentação ocorrerem entre palavra gramatical e palavra lexical de baixa extensão. Postula-se ainda a provável diminuição das ocorrências no avançar dos anos escolares. O estudo tem comprovado que a hipossegmentação é mais frequente entre palavra gramatical e palavra fonológica, mas também é comum em palavras de menor extensão, com a junção de dois clíticos, o que evidencia que, neste estágio de aquisição, ainda é abstrata a noção de palavra para o aprendiz, e o fenômeno não ocorre de maneira arbitrária, e sim ocorre porque o sistema permite. Esta pesquisa se apoia na Teoria de Aquisição da Linguagem, nos fundamentos da Variação e Mudança e nos estudos da Fonologia Autossegmental.

Palavras-chave: aquisição, hipossegmentação, escrita infantil

Caderno de resumos do X Congresso Internacional da ABRALIN – Pesquisa linguística e compromisso político. / Organizadores: Anabel Medeiros de Azerêdo; Beatriz dos Santos Feres; Patrícia Ferreira Neves Ribeiro; Roberta Viegas Noronha; Silmara Dela Silva. Niterói: UFF, 2017.
Disponível em: <<http://abralin.org/congresso2017/programacao-1?prog=simposios>>.